

# REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

## CRAVO, ROSA E JASMIM

Uma mulher tinha tres filhas; indo a mais velha passeiar a uma ribeira, viu dentro da agua um cravo, debruçou-se para apanhal-o, e ella desapareceu. No dia seguinte, succedeu o mesmo a outra irmã, porque viu dentro da ribeira uma rosa. Por fim, a mais nova tambem desapareceu, por querer apanhar um jasmim. A mãe das tres raparigas ficou muito triste, e chorou, chorou, até que, tendo um filho, este, quando se achou grande, perguntou à mãe porque é que chorava tanto. A mãe contou-lhe como é que ficára sem as suas tres filhas.

—Pois dê-me minha mãe a sua bênção, que eu vou por esse mundo em procura d'ellas.

Foi. No caminho encontrou tres rapazes em uma grande guerreia.

Chegou ao pé d'elles e perguntou:

—Olá, que é isso?

Um dos contendores respondeu:

Oh, senhor; meu pae tinha umas botas, um chapéu e uma chave, que nos deixou. As botas em a gente as calçando e dizendo: «botas, ponham-se em qualquer banda», está logo a gente onde quer; as chaves abrem todas as portas; e o chapéu, em se pondo na cabeça, ninguem mais nos vê. O nosso irmão mais velho quer

ficar com as tres cousas para si, e nós queremos que se repartam á sorte.

—Isso arranja-se bem, disse o rapaz, querendo harmonisal-os. Eu atiro esta pedra para bem longe e o que primeiro a apanhar é que ha-de ficar com as tres cousas.

Assentaram n'isso; e, quando os tres irmãos corriam atraz da pedra, o rapaz calçou as botas e disse:

—Botas, levem-me ao lugar onde está minha irmã mais velha.

Achou-se logo n'uma montanha escarpada onde estava um grande castello, fechado com grossos cadeados. Metteu a chave, e todas as portas se lhe abriram; andou por salas e corredores, até que deu com uma senhora linda e bem vestida que estava muito alegre, mas gritou com espanto:

—Senhor! como é que pôde entrar aqui?

O rapaz disse-lhe que era seu irmão e contou-lhe como é que tinha podido chegar ali. Ella tambem lhe contou a sua felicidade, mas que o unico desgosto que tinha era não poder o seu marido quebrar o encanto em que andava, porque sempre lhe tinha ouvido dizer que só se desencantaria quando morressê um hymem que tinha o condão de ser eterno.

Conversaram bastante, e por fim a senhora pediu-lhe para que se fos-

se embora, porque podia vir o marido e fazer-lhe mal. O irmão disse-lhe que não tivesse cuidado, porque trazia consigo um chapéu que, em o pondo na cabeça, ninguém mais o via. De repente, abriu-se a porta e appareceu um grande passaro, mas nada viu, porque o rapaz, quando sentiu o barulho, pôz logo o chapéu. A senhora foi buscar uma grande bacia dourada e o passaro mettu-se dentro, transformando-se em um formoso mancebo. Este, olhando para a mulher, exclamou:

—Aqui estive gente!

Ella ainda negou, mas, afinal viu-se obrigada a confessar tudo.

Pois se é teu irmão, para que o deixaste ir embora? Não sabias que isso era motivo para eu o estimar? Se cá tornar, dize-lhe para ficar, que o quero conhecer

O rapaz tirou o chapéu e veio cumprimentar o cunhado, que o abraçou muito. Na despedida, deu-lhe uma penna, dizendo:

—Quando te vires em alguma afflicção, se disseres: «Valha-me aqui o rei dos passaros!» ha-de sair tudo como quizeres.

Foi-se o rapaz embora, porque disse ás botas que o levassem onde estava sua irmã do meio. Aconteceram, pouco mais ou menos, as mesmas cousas; á despedida o cunhado deu-lhe uma escama:

—Quando te vires em alguma afflicção, dize: «Valha-me aqui o rei dos peixes!»

Até que chegou tambem a casa da sua irmã mais nova; achou-a em uma caverna escura, com grossas grades de ferro; foi ao som das lagrimas e soluços dar com ella muito

magra, que, assim que o viu, gritou:

—Quem quer que vós sois, tirae-me d'aqui para fóra!

Elle então deu-se a conhecer e contou-lhe como achou as outras duas irmãs muito felizes, mas só com o desgosto de não poderem os seus maridos desencantar-se. A irmã mais nova contou-lhe como estava com um velho hediondo, um monstro, que queria casar com ella por força e que a tinha ali presa por não lhe querer fazer a vontade. Todos os dias o velho monstro vinha vel-a para lhe perguntar se já estaria resolvida a tomal-o como marido e que ella se lembrasse de que nunca mais tinha liberdade, porque elle era eterno.

Assim que o irmão ouviu isto, lembrou-se do encantamento dos dois cunhados e pensou em apanhar o segredo por que elle era eterno; aconselhou á irmã que fizesse a promessa de casar com o velho, se lhe dissesse o que é que o fazia eterno.

De repente, o chão estremeceu todo, sentiu-se como que um grande furacão e entrou o velho, que chegou ao pé da menina e perguntou-lhe:

—Ainda não estás resolvida a casar comigo? Teas de chorar todo o tempo que o mundo fôr mundo, porque eu sou eterno e quero casar contigo.

—Pois casarei contigo, disse ella, se me disseres o que faz que nunca morras?

O velho desatou às gargalhadas:

—Ah, ah, ah! pensas que me poderias matar! Só se houvesse quem fosse ao fundo do mar buscar um caixão de ferro, que tem dentro uma

pomba branca, que ha-de pôr um ovo, e depois trouxesse aqui esse ovo e m'õ quebrasse na testa.

E tornou a rir-se, ua certeza de que não havia ninguem que fosse ao fundo do mar, nem fosse capaz de achar o caixão onde estava, nem mesmo de o abrir, e tudo o' mais que se sabe.

—Agora tens de casar commigo, porque já te descobri o meu segredo.

A menina pediu ainda uma demora de trez dias e o velho foi-se embora muito contente. O irmão disse para ella que tivesse esperança, que dentro em tres dias estaria livre. Calçou as botas e achou-se á borda do mar; pegou na escama que lhe dera o cunhado e disse:

—Valha-me aqui o rei dos peixes!

Appareceu logo o cunhado, muito satisfeito, e, assim que ouviu o acontecido, mandou vir á sua presença todos os peixes; o ultimo que chegou foi uma sardinbinha, que se desculpou por se ter demorado, porque embicou n'um caixão de ferro que estava no fundo do mar. O rei dos peixes deu ordem aos maiores que fossem buscar o caixão ao fundo do mar. Trouxeram-n'õ. O rapaz, assim que o viu, disse á chave:

—Chave, abre-me este caixão.

O caixão abriu-se, mas, apesar de todas as cautellas, fugiu-lhe de dentro uma pomba branca.

Disse então o rapaz, para a pena:

—Valha-me aqui o rei dos passaros!

Appareceu-lhe o cunhado, para saber o que elle queria, e, assim

que o soube, mandou vir á sua presença todas as aves. Vieram todas e só faltava uma pomba, que veio por ultimo, desculpando-se que lhe tinha chegado ao sep agulheiro uma antiga amiga que estava ha muitos annos presa, e que lhe tinha estado a arranjar alguma coisa de comer. O rei dos passaros disse-lhe que ensinasse ao rapaz aonde era o ninho em que essa pomba estava; lá foram, e o rapaz apanhu o ovo que ella já tinha posto e disse ás botas que o levassem á caverna onde estava a irmã mais moça. Era já o terceiro dia e o velho vinha pedir o cumprimento da palavra da menina; ella, que já estava aconselhada pelo irmão, disse que se reclinasse no seu regaço; mal o apanhou deitado, com toda a certeza quebrou-lhe o ovo na testa e o monstro, dando um grande berro, morreu. Os outros dois cunhados quebraram ao mesmo tempo o encanto, vieram allí ter, e foram com as suas mulheres, que ficaram princezas, visitar a sogra, que viu o seu choro tornado em alegria, na companhia da filha mais nova, que lhe trouxe todos os thesouros que o monstro tinha ajuntado na caverna.

(Algarve.)

*Theophilo Braga.*



## SACRIFICIO DAS MULHERES INDIAS

E' costume n'algumas partes das Indias orientaes, quando um individuo morre, queimar-se a viuva n'uma



fogueira.

Os inglezes teem tentado por varias vezes abolir esta cruel usança, mas até hoje com pouco resultado, por isso que a mulher debaixo d'algum pretexto omitta esta cerimonia, é considerada deshonesta.

A seguinte descripção é d'um d'esses sacrificios, presencado por um viajante de indubitavel veracidade:

«Uma mulher de pouco mais ou menos vinte annos d'edade, tendo perdido o marido, resolveu celebrar as exequias, queimando-se juntamente com elle. Já estava fixado o dia para o sacrificio.

«A pobre victima chegou ao logar fatal com tanta resignação, e até alegria, que me persuadiu estar ebria com a influencia do opio.

«Na frente do acompanhamento ia uma banda de musica, em seguida uma multidão enorme de mulheres solteiras e casadas dançando adiante da viuva, que se achava vestida com as suas melhores roupas, e mais ricos ornatos. Os dedos, braços e pernas cheios de aneis, braceletes, etc. Vinha depois um grupo de homens, mulheres e creanças, que fechavam o prestito.

«A pyra compunha-se de madeira odorifera. A mulher aproximou-se com passo firme. Antes de subir, despediu-se dos parentes e amigos, pelos quaes distribuiu os seus ornatos. Eu estava n'aquella occasião em companhia de dois inglezes, e avaliando a puigente dôr que sentia, lançou-me um dos seus objectos, que guardei como preciosa reliquia. Sentou-se no meio da pyra, derramou sobre a cabeça um vaso de oleo fra-

gante; os parentes mais proximos vasaram uma quantidade de oleo na lenha para augmentar a chamma, e lançaram-lhe o fogo, que se apoderou da madeira com admiravel rapidez. O voraz elemento em breve envolveu a creatura devotada, e a multidão encheu de tão agudos gritos e clamores, que era impossivel ouvir os da victima.



## CANTARES

Em nome do Pae, do Filho  
E mais do Espirito Santo!  
Eis a primeira cantiga,  
Que á tua janella canto.

O meu aprendiz e eu  
Lavrámos este matiz;  
Se está bom é todo meu,  
Se está máu é do aprendiz.

Saia o sol se quer sahir,  
Não saia se não quizer;  
Para mim ha luz bastante  
Nos olhos d'esta mulher.

Maria, não és Maria,  
E's um ramo de virtude;  
Um doente tens á porta,  
Por quem és, dá-lhe saude!

Amigos, ... não ha amigos;  
Dou os meus a quem os queira  
Amigos, ... só Deus no céu  
E o dinheiro n'algibeira.

(Continúa)

Fernandes Costa.